

## Entrevista

### O programa Idiomas sem Fronteiras: desafios e contribuições do NuLi para o ensino de inglês para fins acadêmicos e formação do professor

Hejaine de Oliveira FONSECA\*

Danilo Duarte Costa\*\*

Deise P. Dutra fez pós-doutorado na PUC-SP e atualmente desenvolve pesquisa na *Northern Arizona University*, EUA. No início de seus estudos, completou sua graduação em Letras na USP, fez mestrado em Linguística na *University Of Illinois at Chicago*, e o doutorado, também em Linguística, na *University of Florida*. Deise é professora associada no curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde atua na graduação e na pós-graduação, sobretudo nas áreas de Estudos Linguísticos baseados em Corpora e Ensino e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras. Também na UFMG, atuou como Diretora Adjunta de Relações Internacionais e coordenou o Programa Idiomas sem Fronteiras desde seu início em 2012, quando ele ainda estava sendo estruturado, até 2017.



#### ***1. Deise, para começar, como você descreveria o trabalho realizado pelo NuLi na UFMG?***

Nós poderíamos dividir as atividades em três ações. A primeira é a oferta de cursos online de várias línguas. Temos uma oferta muito ampla e regular de cursos presenciais de diferentes idiomas para fins acadêmicos, além de aplicações do teste de proficiência TOEFL ITP, que é utilizado tanto como teste de nivelamento para a alocação dos alunos nos diferentes cursos ofertados pelo NuLi, como também para que as universidades

---

\* UFVJM/Diamantina/MG

\*\* ICT/UFVJM/Diamantina/MG

tenham conhecimento do nível linguístico de sua população. Só na UFMG, por exemplo, foram aplicados mais de 14.000 testes. Num âmbito mais amplo, o NucLi trouxe uma visibilidade ainda maior para as línguas estrangeiras, aumentando o espectro de possibilidades dos alunos no que se refere ao acesso a essas línguas. Com isso, o NucLi coloca em evidência a importância da aprendizagem de línguas estrangeiras - que poderíamos tratar aqui como línguas adicionais - para que o aluno possa ter acesso à informação e à mobilidade acadêmica quando, por exemplo, participa de programas de intercâmbio no exterior. Além disso, o NucLi tem um papel muito importante em relação à formação de professores de línguas estrangeiras.

## ***2. O que você pode nos dizer sobre a formação de professores realizada no âmbito do NucLi?***

Eu acredito que isso seja algo muito importante. Mesmo na UFMG, por exemplo, onde a grade do curso de Letras é bem estruturada e conta com a oferta de várias disciplinas optativas, não existe essa formação específica para o professor que vai trabalhar com línguas para fins acadêmicos. Então, o aluno que se envolve com o IsF, nos diferentes idiomas ofertados, tem que se preparar para esse trabalho, que é um pouco diferente e tem suas especificidades. Esse processo de formação é extremamente rico e não aconteceria senão através do Idiomas sem Fronteiras. É uma oportunidade ímpar para os alunos de Letras poderem trabalhar sob a orientação de professores experientes e poderem, a partir da prática, lidar com o ensino de línguas baseado em necessidades acadêmicas.

## ***3. Na sua opinião, há diferença entre a formação do professor de inglês para fins acadêmicos e a formação do professor de inglês para fins gerais?***

Acredito que há, sim, diferenças. Nos NucLis a formação do professor acontece ao longo do seu exercício, a partir de discussões com os supervisores acerca de suas práticas pedagógicas e dos desafios a serem superados. Sobre essa questão, um primeiro desafio recai sobre o professor, tendo em vista que não há no mercado muitos materiais voltados para o ensino de línguas para fins acadêmicos. Talvez o inglês esteja em uma posição mais privilegiada, já que temos alguns materiais para áreas acadêmicas específicas. Ainda assim, os professores, tanto de inglês como os das demais línguas, se envolvem no desenvolvimento de materiais para atender às necessidades específicas dos cursos ofertados pelos NucLi. De toda forma, isto acaba sendo algo positivo, já que a

formação desses professores tem um enfoque na preparação de materiais, que é uma habilidade muito importante para qualquer professora ou professor de idiomas. No caso do inglês geral, há uma imensa oferta de materiais já disponíveis no mercado, o que faz com que, muitas vezes, a formação do professor não tenha um foco na aquisição deste conhecimento de produção de materiais, que é tão importante. Porém, com o objetivo de tornar o aluno um usuário proficiente de língua estrangeira, em seus variados usos, a formação tanto do professor de idiomas para fins acadêmicos, quanto para fins gerais se vale de décadas de pesquisas em Linguística Aplicada, levando em conta diferentes teorias tanto de ensino quanto de aprendizagem.

***4. Na sua avaliação, quais foram os maiores desafios enfrentados pelo NuLI/UFMG durante a sua gestão?***

Eu diria que um desafio inicial foi divulgar o programa e atrair os alunos. Mesmo que a UFMG sempre tenha nos dado um grande apoio na divulgação, não é uma tarefa fácil trazer os alunos para os cursos. Ainda assim, talvez o maior dos nossos desafios tenha sido manter os alunos frequentando os cursos. Como os cursos ofertados pelo NuLi não estão atrelados ao currículo, ou seja, não contam créditos para a formação acadêmica dos alunos, acabamos tendo uma certa evasão. Talvez, também, parte dos alunos acumulem muitas atividades acadêmicas e extracurriculares e, infelizmente, acabam não dando o devido valor aos cursos ofertados por nós. Outro desafio, desta vez para as outras línguas que não o inglês, é também encontrar professores com nível de proficiência alto que deem conta de ensinar com foco nos fins acadêmicos. Por outro lado, essa dificuldade tem sido bem superada, até porque as demais línguas, fora o inglês, tendem a ter uma menor oferta de turmas e, por isso, demandam menos professores. Agora, um desafio muito interessante foi mostrar, ao longo do caminho, que o IsF era muito maior que a primeira necessidade que nós atendemos, ou seja, a aplicação dos testes de TOEFL e a preparação dos alunos que participariam do programa Ciência sem Fronteiras. Como conseguimos ofertar bastantes cursos, e alunos de diferentes áreas do conhecimento começaram a participar do IsF, colocou-se em evidência que a oferta dos NuLis está muito mais ligada ao processo de internacionalização como um todo do que simplesmente atender a uma necessidade do Ciência sem Fronteiras somente. Isso para mim foi muito positivo, porque foi um movimento que aconteceu não só na UFMG, mas também nas outras universidades.

***5. Você acredita que o programa pode beneficiar tanto a alunos da graduação quanto da pós-graduação? Os perfis destes alunos se diferem quanto aos objetivos de cada curso?***

Temos trabalhado em um modelo que atende a alunos de graduação e de pós-graduação juntos e isso tem funcionado bem. De certa forma, muitos dos alunos da graduação que nos procuram estão envolvidos em grupos de pesquisa, querem participar de eventos científicos, e percebem a importância de uma língua adicional para auxiliá-los na vida acadêmica. Porém, em cursos de férias, por exemplo, em que há uma procura maior por parte dos alunos da pós-graduação, nós percebemos que estes alunos têm objetivos muito mais específicos, uma vez que muitos deles já têm alguma experiência com a realidade acadêmica, seja ela através da escrita de artigos ou participação em eventos científicos internacionais, ainda que estes eventos aconteçam no Brasil. O aluno da pós-graduação, portanto, tem mais clareza de suas necessidades, o que de certa forma facilita tanto o trabalho de ensino, por parte do professor, quanto do trabalho da aprendizagem, por parte do aluno.

***6. Você acredita que o IsF pode servir como fonte de dados para pesquisas em linguística aplicada?***

Sim, com certeza. Temos uma gama enorme de possibilidades de estudos, seja na área da escrita, produção oral, motivação, aquisição de língua, formação de professores, enfim, o IsF é um espaço profícuo para pesquisas sistematizadas, e diversos trabalhos podem ser feitos a partir de dados coletados no âmbito do IsF.

***7. Suas pesquisas mais recentes têm abordado a escrita acadêmica em inglês por alunos brasileiros. De onde vêm as maiores dificuldades que o estudante universitário enfrenta com relação à escrita de inglês para fins acadêmicos?***

De modo geral, as aulas de inglês nas escolas brasileiras não trabalham a habilidade da escrita em profundidade e, mesmo que o fizessem, provavelmente não incluiriam a escrita acadêmica como foco das aulas, pois há muitos gêneros que podem ser trabalhados ao longo da vida escolar. Mesmo os alunos que passaram por cursos de línguas, por vezes, não foram expostos a aulas que sistematicamente trabalhassem a habilidade escrita. Estes cursos de inglês geral tendem a privilegiar a produção e compreensão oral. Raramente a escrita é ensinada de forma mais aprofundada, através

de atividades de reescrita, por exemplo, e geralmente são trabalhados gêneros textuais de uso cotidiano, como cartas ou e-mails.

### ***8. Como o NuLi enfrenta este desafio?***

Quando nossos alunos fazem os cursos no NuLi, eles são expostos a textos que possuem diferentes configurações, sendo expostos a gêneros especificamente acadêmicos, como no caso da escrita de resumos acadêmicos (abstracts), que têm características muito específicas. É preciso que eles sejam expostos a estas características em diferentes níveis, seja no nível da organização do texto, de sua argumentação, os movimentos retóricos, entre outros. Isso configura um desafio para nós, já que muitas vezes os alunos nunca foram expostos a este tipo de produção escrita, mesmo na língua materna.

***Deise, agradecemos muito pela entrevista.***

Obrigada.

### **Publicações recentes da Profa. Deise P. Dutra**

DUTRA, D. P.; QUEIROZ, J. M. S.; ALVES, J. C. Adding Information in Argumentative Texts: A Learner Corpus-based Study of Additive Linking Adverbials. **Revista Estudos Anglo-Americanos**, v. 46, p. 9-32, 2017.

DUTRA, D. P. On fruitful partnerships: how collaborative critical reflection can lead to changes. In: Maria Antonieta Alba Celani. (Org.). **Tendência e desafio na formação de professores de línguas no século XXI**. 1ed. Campinas: Pontes Editores, 2016, p. 93-102.

DUTRA, D. P. Formação de professores: colaboração sem fronteiras. In: Maria Cristina Faria Dalacorte Ferreira; Carla Lynn Reichmann; Tânia Regina de Souza Romero. (Org.). **Construções identitárias de professores de línguas**. 1ed. Campinas: Pontes Editora, 2016, v., p. 87-102.

SARMENTO, S.; DUTRA, D. P.; BARBOSA, M. V.; MORAES FILHO, Waldenor Barros. IsF e Internacionalização: da teoria à Prática. In: Simone Sarmento; Denise Martins de Abreu-e-Lima; Waldenor Barros Moraes Filho. (Org.). **Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras**: a construção de uma política linguística para a internacionalização. 1ed.Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016, p. 77-100.

DUTRA, D. P.; Gomide, A. R.; Oliva, K. N. P.; Guedes, A. S. Corpus de aprendizes do Inglês sem Fronteiras. In: Simone Sarmento; Denise Martins de Abreu-e-Lima; Waldenor Barros Moraes Filho. (Org.). **Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras**: a construção de uma política linguística para a internacionalização. 1ed.Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016, p. 151-172.

Entrevista recebida em 06/10/2018

Entrevista aprovada em: 06/02/2019